

A experiência leitora e a construção da autonomia infantil: reflexões a partir da obra
Nanão

The reading experience and the construction of children's autonomy: reflections based on the book Nanão

Josiele Vita da Silva Tavares
Escola Municipal Pingo de Gente (EMPG-MG)
Lavras – Minas Gerais – Brasil
Renata Junqueira de Souza,
Universidade Estadual Paulista (UNESP)/
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)
Alfenas – Minas Gerais – Brasil

Resumo: Dada a importância da linguagem na constituição do ser humano, a literatura destaca como instrumento na formação do indivíduo enquanto ser coletivo e social. Na primeira infância o contato com o objeto livro pode promover novas necessidades e interações no processo de desenvolvimento psíquico. Assim, este estudo tem como objetivo refletir sobre as experimentações práticas com o objeto livro, a partir da obra *Nanão*, de Gustavo Piqueira, considerando as situações dialógicas e seu potencial para ampliar a expressividade infantil, mesmo quando manifestada por meio de gestos embrionários de leitura. O estudo destaca que ao se envolverem com narrativas literárias, as crianças não apenas interpretam símbolos, mas também ampliam sua percepção discursiva e criativa, apropriando-se de discursos e construindo suas próprias interpretações, constituindo-se como sujeitos social, cultural e autônomo.

Palavras-chave: Gestos embrionários de leitura; Autonomia; Literatura Infantil.

Abstract: Given the importance of language in the constitution of the human being, literature stands out as a key in the formation of the individual as a collective and social being. In early childhood, contact with the book as an object can nourish new needs and interactions in the process of psychic development. Thus, this study aims to reflect on practical experiences with the book, based on *Nanão* by Gustavo Piqueira, considering dialogical situations and their potential to enhance children's expressiveness, even when manifested through embryonic reading gestures. The study highlights that, by engaging with literature, children not only interpret symbols but also expand their discursive and creative perception, appropriating discourses and constructing their own interpretations, thus establishing themselves as social, cultural, and autonomous subjects.

Keywords: Embryonic Reading Gestures; Autonomy; Children's Literature.

Introdução

Na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, é a linguagem que nos define como seres humanos, seres sociais e coletivos (Vygotski, 1992, 1995). Desde o início de nossas vidas, nós seres humanos estamos em constante interação com o outro, e o ato de comunicarmos, entendido como o desenvolvimento da expressividade, reflete nossa natureza social e coletiva (Bakhtin, 2011).

Desse modo, o ato de comunicar, de expressar nossos sentimentos, de compartilhar ideias e construir significados, parte da formação de uma consciência que é permeada pela linguagem. De acordo com Volóshinov (2018, p. 98), "a consciência se forma e se realiza no material sgnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade", ou seja, a consciência é mediada por signos, como palavras, imagens, gestos, que carregam significados que são compartilhados e gerados pela sociedade, sem a mediação dos signos – nós, seres humanos –, seríamos apenas seres biológicos, sem a capacidade de interpretar ou atribuir significado às suas experiências.

Assim, a consciência, portanto, depende dos signos, que são criados e utilizados coletivamente. Isso significa que a percepção e compreensão da realidade por um indivíduo são sempre influenciadas pelos significados culturais e sociais que nós seres humanos compartilhamos com os outros (Bakhtin, 2011). Nesta perspectiva, ao escutar ou ao ler algo, não apenas absorvemos informações, mas também as interpretamos e respondemos, de forma explícita ou implícita. Diante disso, a linguagem literária, como um fenômeno social e cultural, torna-se um instrumento essencial para registrarmos, comunicarmos e compartilharmos ideias, sentimentos e informações, sendo apropriada por nós, seres humanos, dentro do nosso contexto social.

Nessa ótica, desde a primeira infância, nós, seres humanos, somos expostos à comunicação e à expressividade das pessoas que nos cercam. Segundo Giroto, Oliveira e Hernandez (2020, p. 4), “nesse processo, apropria-se das diferentes formas de linguagem que garantem comunicação entre as pessoas e passa, pelas diferentes formas de linguagem, a expressar seus sentimentos, desejos/vontades, a conhecer a si e ao outro e a conhecer a experiência humana”, no qual a linguagem propicia além de conhecimentos sociais e culturais, “[...] necessários para a vida em comunidade, como a capacidade e atitude leitoras, ainda que seja em gestos embrionários” (Giroto, Oliveira e Hernandez, 2020, p. 4).

Desse modo, por meio da literatura, as crianças desde pequenas, ao ouvir e interagir com as narrativas, aprendem a decifrar os signos em dimensões estéticas e simbólicas, se apropriam de discursos, ampliam a consciência discursiva e também a consciência interpretativa. Além disso, à medida que se apoderam dos discursos, as crianças constroem sentidos próprios, desenvolvendo expressões, emoções e sentidos únicos.

Essa compreensão se alinha ao objetivo desse artigo, que busca analisar, a partir da obra literária *Nanão*, de Gustavo Piqueira, como a literatura pode proporcionar autonomia à criança por meio dos gestos embrionários da leitura.

A literatura e os gestos embrionários de leitura: construção da autonomia

As crianças, desde os primeiros anos, aprendem e interagem com o mundo por meio da linguagem, que é entendida como um fenômeno dinâmico e vivo. Para Bakhtin (2011), a linguagem é um instrumento cultural e dialógico, cujo desenvolvimento ocorre no contato com o outro e com o mundo, sendo, portanto, um meio essencial para nossa constituição como sujeitos.

Sendo assim, ainda na infância, nos primeiros anos de vida, a atividade principal da criança é a comunicação emocional direta com os adultos (Vygotsky, 1996), pois a criança depende do adulto para comunicar seus desejos e suas necessidades. A este respeito, Davidov (1988, p. 74) elucida que até os três anos de idade a comunicação emocional é muito importante no desenvolvimento infantil.

Segundo Davidov (1988), desde as primeiras semanas de vida até por volta de um ano, existe uma comunicação emocional direta entre o bebê e o adulto. Essa relação inicial entre pais e filhos, por meio da linguagem, que evidenciará a comunicação com outros sujeitos, uma atitude emocional estabelecida como base nas relações com os outros.

Na sequência, a criança descobre a atividade objetal-manipulatória, característica até os seus três anos de idade. É essa atividade que dará aos pequenos autonomia, pois, muito embora ele ainda precise da ajuda do adulto, descobre como reproduzir procedimentos de ações com as coisas, com os objetos. Concomitante a isso, surge a linguagem, o balbúcio, a designação com sentido das coisas, o pensamento concreto das ações e “a percepção categorial generalizada do mundo objetal” (Davidov, 1988, p. 74). Diante do exposto, o autor afirma que “a neoformação central desta idade é o surgimento da consciência na criança, que aparece para os outros na forma do “Eu” infantil” (Davidov, 1998, p.74).

Nessa perspectiva, dá início ao processo de autonomia e, à medida que a criança cresce, o interesse pelos objetos vai se modificando de acordo com as suas necessidades. Inicialmente a criança não se importa com a função do objeto, ou seja, manipula os objetos de forma mais aleatória, sem compreender suas funções. Logo, já começa a usar o objeto de acordo com sua função específica, pois já a compreende. Com isso, à medida que a criança manuseia os objetos e compreende sua função específica, começa a se relacionar com eles de forma consciente. (Mukhina, 1996).

E esse contato direto com o objeto, propicia à criança a capacidade de desenvolver-se humanamente, por meio da linguagem e da interação, inseridas em um determinado contexto social e cultural, considerando “os signos, os instrumentos – que se interpõem nessa relação” (Giroto, Oliveira e Hernandez, 2020, p. 6).

Sob essa perspectiva, Giroto (2015) pontua que, para esse processo de humanização, é necessário desde a primeira infância as vivências literárias, pois por meios dos livros podemos “[...] manifestar sentimentos, anseios, ideias, compartilhar novidades e dúvidas, a própria realidade, pontos de vista, conhecimentos, fantasias, etc.” (Giroto, Oliveira e Hernandez, 2020, p. 5). Assim, desde pequenas, as crianças ao ter contato com o objeto livro, experienciam com ações e gestos, que Giroto e Souza (2014) denominam de gestos embrionários de leitura. Trata-se de atos iniciais do aprender a ler, dos quais as crianças “[...] manuseiam, tocam, sentem, cheiram, brincam com os livros [...]; vão imitando os adultos; vão buscando significar os gestos relacionados ao ato de ler, aos modos de ser leitor, já desde pequenininhas, cristalizados neste objeto da cultura humana – o livro” (Giroto, 2016, p. 37).

Além disso, mediante a apreciação estética, os bebês e as crianças, através dos gestos embrionários de leitura, desenvolvem capacidades e qualidades humanas que os aproximam dos livros (Giroto e Souza, 2014). No entanto, é através de ações práticas e da interação do outro, “que as crianças realizam o processo de internalização das qualidades humanas” (Giroto, Oliveira e Hernandez, 2020, p. 9).

Desse modo, para que as crianças desde pequenas desenvolvam os gestos embrionários de leitura, construindo significados para o que tocam, veem e ouvem, a partir dos livros, é necessário ter acesso a eles. Esse leitor mirim, ao experienciar o objeto-livro de forma concreta e autônoma, mesmo que ainda não o leia, já é capaz de desenvolver ações e gestos embrionários do ato de ler.

Em outras palavras

[...] pode reproduzir para si o embrião dos modos de ser leitor a partir do conhecimento básico do quê, onde, quando e como ler, além de aprender o “ler” para o outro ou mesmo escolher que narrativa partilhar com outra pessoa ou consigo mesmo, afinal também já é capaz de interagir por elementos extra verbais como gestos, balbucios, sorrisos, movimentos de braços e pernas (Modesto-Silva, 2019, p. 43)

Assim, é a interação entre o pequeno leitor e o objeto-livro que promoverá inicialmente o contato físico com o objeto, para, na sequência, despertar sensações e percepções estéticas. Nessa perspectiva, a criança percebe, no manuseio, a estrutura e a funcionalidade do livro, descobrindo que ele pode ser aberto e fechado, tem folhas que se movem, cores, ilustrações e letras que, quando apontadas, justificam os gestos próprios de leitura.

E embora os bebês e crianças pequenas ainda não compreendam o texto de maneira formal, no sentido da decodificação das palavras e frases, podem iniciar uma relação afetiva e estética com o livro. Para Goulart e Ferreira (2014, p. 5), o “[...] primeiro contato com o livro, desencadeador da leitura, acontece na exterioridade; o leitor utiliza-se das sensações, como forma de interação com esse material”. Ampliando essa discussão, Souza (2024) estabelece dimensões para os gestos embrionários de leitura que perpassam o tempo e o espaço da leitura (onde e quando se lê); o modo de ler (como se lê), o objeto de leitura (com o que e sobre que se lê) e as relações estabelecidas entre o leitor e o livro (o que e com quem se lê). Essa experiência entre o objeto-livro e a criança que o acessa auxilia na construção da autonomia deste pequeno leitor em formação.

Falamos então de uma formação literária, que propicia a consolidação da própria vida social, emocional e afetiva, de modo a promover sentido ao mundo e às diversas práticas discursivas e culturais que o compõem (Colomer, 2007). Para tanto, é necessário ofertar uma literatura de qualidade, que garanta a interação do pequeno leitor com o objeto-livro e, favoreça essa a formação humana e literária.

Nanão: autonomia e possibilidades para formação leitora de crianças.

Nanão é um livro infantil escrito e ilustrado por Gustavo Piqueira. O autor evidencia, logo na contracapa, “Por Gustavo Piqueira a partir de histórias e desenhos criados por Milo

Arantes Piqueira”. Em outro paratextoⁱ, ao final da obra, conhecemos o autor e seu filho e as motivações que levaram à produção da obra de *Nanão*.

Gustavo e Milo, pai e filho, vivem juntos em São Paulo, onde criaram esta história. Que, pra dizer a verdade, foi criada mesmo por Milo e não era, de início, destinada a se tornar um livro. Aliás, para dizer a verdade verdadeiríssima, no começo nem história era, já que Milo não inventou Nanão como um personagem: certo dia, decidiu que não importava o que o pai lhe perguntasse, ele só responderia “não”. A teimosia foi transformada em brincadeira e, desde então, se tornou um faz de conta frequente entre os dois — inclusive com papéis invertidos. (Piqueira, 2020, s.p.)

Este texto ajuda tanto o leitor infantil quanto o mediador a compreender como a ideia do livro surgiu e como a contribuição da criança (filho do autor) foi decisiva em sua elaboração. No entanto, antes de chegarmos a estas informações na última página do livro, o leitor é chamado para conhecer e ler a capa (Figura 1).

Figura 1: Capa do livro *Nanão*



Fonte: Piqueira (2020)

Em um fundo amarelo, o título *Nanão*, na cor preta, está centralizado bem no meio da capa, com o nome do autor no canto inferior esquerdo e, da editora, no canto inferior direito, abaixo da ilustração da protagonista em branco. A ilustração de *Nanão* nos dá impressão de que foi feita com giz de cera branco e seus olhos pretos estão direcionados para o lado esquerdo, ou seja, para a contracapa (Figura 2).

Figura 2: Contracapa



Fonte: Piqueira (2020)

O texto da contracapa (Figura 2) respeita sua função a de motivar o leitor a conhecer um pouco a história da obra e querer entrar no universo do livro, pois o texto em formato de estrofe se utiliza de caixa alta com os dizeres: “ESSE AÍ É O NANÃO/TUDO O QUE/A GENTE PERGUNTA/ELE RESPONDE:”. Além disso, um grande traço preto sai da boca de Nanão, dizendo um não com letras garrafais: “NÃÃÃÃÕ”

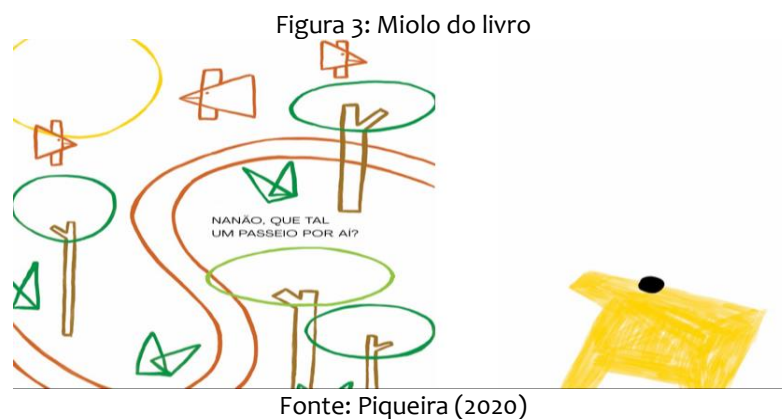
No miolo da obra, foram feitas muitas ilustrações em forma de desenho, produzidas por Milo Arantes Piqueira, com traços lineares e espontâneos. Todos os elementos visuais do livro, ou seja, desde a forma como são organizados, o uso do espaço da página e a escolha das cores, propiciam, além do ritmo narrativo, a construção do significado da história.

No enredo, a protagonista é Nanão, que como toda criança pequena, é curiosa. Porém, carrega uma peculiaridade: a todas as perguntas feitas, sua resposta é sempre “Não”: “Nanão, que tal um passeio por aí? - Não” (s.p.). No decorrer da narrativa, a partir das negativas de Nanão, as pessoas à sua volta se distanciam. Porém, a mesma voz que convida e conta a história anuncia que um dia “Alguém pensou: e se o problema não estiver na resposta? E se a gente é que nunca fez a pergunta certa?” (s.p.). Estes questionamentos sugerem uma solução, ou seja, mudar a forma de abordagem, modificar as questões, como em “Nanão, você gosta de ficar sozinho? - Não.” (s.p.). Desta maneira, se mantém a autonomia da personagem, respeitando-a e acatando as irreverências da infância.

Assim, percebemos que a escolha do nome da personagem sugere ao leitor uma relação direta com suas características de personalidade. A protagonista que sempre diz “não” é teimosa, resistente às propostas alheias e demonstra uma postura contrária a

qualquer tipo de sugestão ou convite. A obra, além de brincar com as respostas negativas dadas por Nanão, explora em proporções cada vez maiores a distância estabelecida entre a protagonista e seu “Não”. No decorrer da obra, a repetição da resposta negativa gera duas facetas: o humor e a previsibilidade na narrativa e a construção da identidade e autonomia da protagonista.

O humor está presente nas imagens lúdicas e metafóricas, que representam, de um lado, os aspectos ‘travessos’ da infância e, de outro, o envolvimento do leitor com a disposição dos elementos sem uma ordem rígida. Nas páginas abertas, de um lado da página (lado direito), está a imagem da personagem, enquanto do outro lado da página (lado esquerdo) aparece a imagem que remete à pergunta (Figura 3). Desse modo, essa disposição direciona o olhar do leitor para os elementos da linguagem escrita, combinando os elementos visuais, à espontaneidade e previsibilidade da personagem com o ritmo narrativo, permitindo uma visão fluida e criativa do enredo.

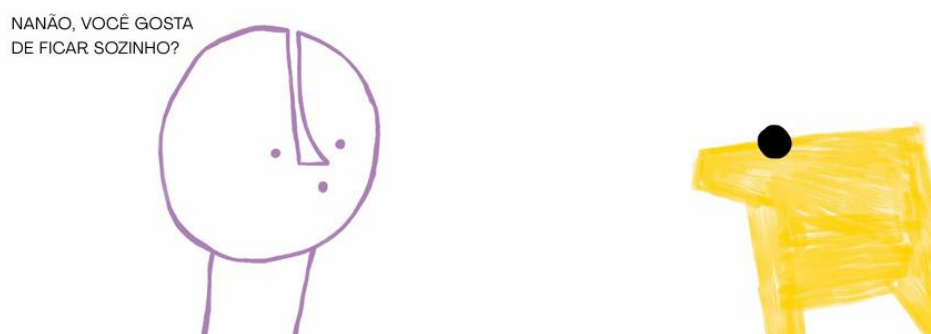


Já a construção da identidade da personagem é marcada pela repetição do “Não”, que pode ser vista como um gesto inicial de tomada de decisão. Considerando que a narrativa, embora criada a partir da vivência pessoal na interação entre pai e filho, evidencia essa fase de negação como parte do processo de afirmação do “eu”. De certa forma, é a partir da interação com o meio social e cultural que desenvolve a personalidade específica da personagem (Vygotsky, 1996).

Além disso, o jogo da linguagem, na repetição das palavras, propicia a compreensão das mudanças psicológicas e sociais que a protagonista experimenta, adquirindo, aos poucos, novas propriedades de sua personalidade. A mudança, que inicialmente se manifesta como um posicionamento de negação, resulta diretamente das interações sociais e culturais que o

cercam, especialmente à medida que o narrador modifica a forma das perguntas, impulsionando, por meio do desenvolvimento da linguagem (e o surgimento da consciência), a construção dinâmica da identidade (Figura 4).

Figura 4: miolo do livro - reformulação da pergunta

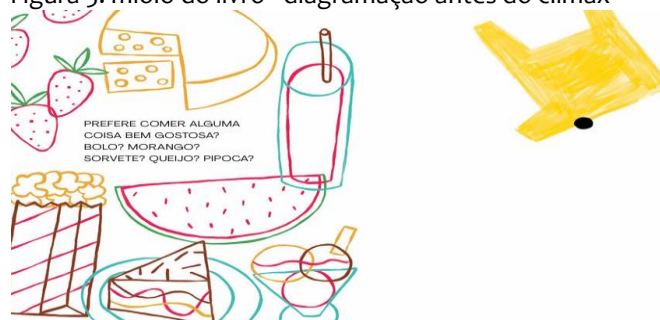


Fonte: Piqueira (2020)

Ademais, podemos verificar que a recusa de Nanão se trata de uma fase na infância, na qual a criança pode se identificar com a protagonista e sua insistência ao “não”, pois no início do desenvolvimento infantil, a criança é dependente das ações nas quais consegue ver imediatamente e respondê-las diretamente (Vigostky, 1996). No entanto, no decorrer do desenvolvimento da linguagem, modifica a estrutura da percepção, pois a criança associa as palavras aos objetos e às situações. Com isso, compreende o significado dentro de um contexto mais amplo e social.

Outro ponto a ser destacado é que a partir da negação, há também um afastamento progressivo, como se a protagonista se distanciasse de certas dependências iniciais do adulto, desenvolvendo o processo natural da autonomia. Esse distanciamento é inteligentemente apresentado pelas ilustrações. No decorrer da leitura, verificamos que a primeira parte do livro, quando a personagem apenas responde de forma negativa, as imagens estão também distantes, uma em cada lado da página (Figura 5).

Figura 5: miolo do livro - diagramação antes do clímax

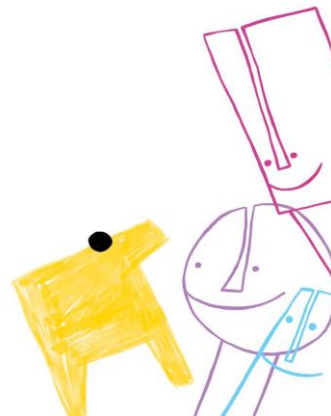


Fonte: Piqueira (2020)

Sob essa perspectiva, a protagonista, ao empregar repetidamente a mesma palavra, evidencia o processo de aquisição da linguagem. Desse modo, considerando o contexto da narrativa, a expressão “não” constitui fragmentos da linguagem adulta que a criança assimila por meio da interação e da comunicação com os adultos, representando, assim, o surgimento da linguagem autônoma infantil (Vygostki, 1996).

Quando a voz da narrativa transforma a maneira de perguntar, observamos um processo de descoberta e adaptação, referindo-se a uma metáfora do amadurecimento da personagem. Por meio das imagens, percebemos uma afetividade, pois as personagens se aproximam e estão contentes. O leitor entende que o “Não” ainda pronunciado por Nanão é, na realidade, um sim que o aproxima daqueles que estão ao seu redor (Figura 6).

Figura 6: miolo do livro - diagramação depois do clímax



Fonte: Piqueira (2020)

Nanão pode não compreender a expressão do “não”, e embora esse termo represente um limite que a protagonista precisa assimilar, a repetição e a experimentação com a linguagem contribuem para o desenvolvimento da experiência do amadurecimento e da construção da própria identidade da protagonista.

Experiências e práticas em Nanão: compartilhando possíveis propostas

A formação da criança como leitora passa, fundamentalmente, pela relação que estabelece com o livro e com o outro. Nesse processo, a mediação exercida pelo adulto ocupa lugar central. É por meio da mediação que se possibilita às crianças a exploração, a apreciação e a interação com o objeto-livro e com a leitura, desenvolvendo ainda na infância a compreensão leitora e a construção de sentidos e de significados a partir da literatura. O

processo de humanização ocorre no transcurso da interação social e cultural – neste caso, com o livro – e pode favorecer o desenvolvimento das ações psíquicas das crianças.

Por meio da mediação leitora, o adulto compartilha com as crianças princípios e modos de ação que são imbricados na atividade de leitura literária, estabelecendo com ajuda de estratégias durante o ato da leitura, ações e orientações para novas possibilidades de desenvolvimento da atitude e da capacidade leitora (Giroto, Oliveira e Hernandez, 2020). Nesse contexto, mediar o contato da criança com o livro é um modo de promover o desenvolvimento da formação leitora, mesmo que em gestos ainda embrionários. Quando o professor/mediador oferta um livro, ou deixa a obra à disposição para ser acessada e folheada, ele também auxilia a criança a ser autônoma.

Enquanto expressamos a importância do livre acesso da criança pequena ao objeto-livro, destacamos que ações como engatinhar até a obra, retirar o livro da estante, espalhar vários exemplares pelo chão, observar diversas capas ajudam na escolha daquilo que a criança deseja ler. Na dimensão relacional dos gestos embrionários de leitura, essa possibilidade de estar sozinho é considerada. Contudo, também se prevê um adulto que seleciona um livro, define um modo de lê-lo e, segundo Souza (2024), intervém folheando, passando as páginas e segurando o livro como modelo a ser seguido pelo pequeno leitor.

O mediador também pode explorar maneiras de ler para as crianças: leitura em voz alta, proferição de textos, contações de histórias de memória ou com recursos como fantoches ou gravuras ampliadas.

Munita (2024, p. 86) afirma que a dimensão relacional “e tudo que ela mobiliza (afetos, empatia, hospitalidade, acompanhamento, diálogo) conformam parte essencial do tecido semântico que estamos delineando para o conceito de mediação.” Neste sentido, o sujeito que oferta o livro abre caminhos, estabelece relações, facilita trocas e aprende com a criança principalmente a prestar atenção aos gestos e na potência da leitura literária desde a primeira infância.

Neste sentido, ao considerar a leitura literária como um meio de ampliação de saberes, ideias, conhecimentos e experiências, torna-se possível, no contexto escolar uma mediação que explore diferentes alternativas. Essas alternativas incluem a escolha do espaço, a preparação e organização do grupo de crianças, o tempo de duração da atividade, entre

outras possibilidades que antecedem o ato da mediação e contribuem para proporcionar novas experiências aos pequenos leitores.

Considerando a organização do espaço como uma prática a ser realizada antes do momento da leitura, é importante cuidar do ambiente e incluir elementos que tornem o momento da leitura acolhedor, com almofadas, tapetes e o acesso ao livro. O espaço deve ser convidativo à experiência leitora.

Para a mediação de *Nanão*, uma proposta interessante é a realização de uma atividade coletiva, como a brincadeira de roda “Sim e Não”, do grupo Musical Palavra Cantada. Antes de apresentar a obra de Gustavo Piqueira às crianças, cantar e brincar de “Sim e Não” pode ajudar os pequenos a compreenderem as ações de *Nanão*. A música diz: “Vai começar a brincadeira /Preste muita atenção/Quando eu disser sim/ Vocês vão dizer não/ Sim? (Não)/ E não? (Sim)” (Palavra Cantada, 2013).

Dessa forma, sob os comandos da primeira voz, as crianças respondem em coro com a alternativa contrária. Uma alternativa complementar é a brincadeira do “Sim e Não” com os olhos vendados. Nessa atividade, as crianças ficam diante de diversos itens (sugere-se, por exemplo, brinquedos, frutas, lápis e outros elementos, presentes na narrativa) e o mediador questiona, apontando para cada objeto, se a criança deseja aquele item específico. A criança deve responder “sim” ou “não”, e o mediador pode conduzir a atividade, sugerindo trocas entre os itens, por exemplo: “Você gostaria de trocar o primeiro item que escolheu por este?” Após a criança desvendar os olhos, ela fica com o item escolhido.

Essas estratégias, específicas para crianças da creche e da pré-escola, desenvolvidas pelo mediador antes da leitura, além de despertar o interesse e estabelecer um vínculo com o texto literário, propiciam a construção do imaginário infantil, que é “[...] chave de interpretação do mundo real” (Bajar, 2007, p. 42). Portanto, propostas que antecedem o momento da leitura mediada por um adulto contribuem para o desenvolvimento da imaginação, diretamente relacionada aos processos cognitivos da criança.

Além das brincadeiras, a realização de uma roda de conversa antes da leitura é também uma boa proposta, considerando que em determinado momento do desenvolvimento infantil, a criança se apropria e utiliza a expressão “não” como forma para exprimir suas opiniões e vontades, no processo de descobrir suas habilidades socioemocionais. Por outro lado, ao incorporar essa palavra e utilizá-la na comunicação, a criança pode, por vezes, estar

apenas imitando um comportamento do adulto. Ponderando que a infância é um período de formação da personalidade da criança, é interessante proporcionar um espaço de escuta ativa e ouvi-las, permitindo que expressem suas percepções sobre o significado e o uso da expressão “não” em seu repertório linguístico.

Após as atividades que antecedem o ato de ler, o mediador inicia a leitura da obra - Nanão. A mediação deve ser planejada, de modo a favorecer a compreensão do texto pelas crianças, incentivando-as a formularem previsões e a responderem perguntas às intervenções do mediador.

Para isso, o mediador pode iniciar apresentando a capa do livro, destacando o título e o nome do autor, estimulando as crianças a observarem e a interpretar os elementos visuais da obra. Perguntas como: “o que vocês veem na capa?”, podem ser feitas, permitindo que as crianças expressem diferentes opiniões – como discutir o desenho de Nanão, sugerindo ser um cavalo, um cachorro, um porco, entre outras possibilidades. Esse é um momento que contribui para a construção de hipóteses sobre a narrativa. Em seguida, deve-se realizar a apresentação e leitura da descrição na contracapa, que pode ser utilizada para introduzir a personagem e a temática central da narrativa. Esse é o primeiro contato com o enredo, o qual pode conduzir às primeiras inferências sobre o livro.

Antes de iniciar a leitura da obra, a professora pode fazer perguntas às crianças, como: “O que vocês acham que significa Nanão?” ou “Vocês conhecem alguém que sempre responde ‘não’?”. Essas perguntas propiciam condições para formular previsões e estabelecer relações com as experiências pessoais das crianças, ativando seus conhecimentos prévios.

Ao avançar com a leitura, o mediador pode, com entonação expressiva, enfatizar a fala da personagem principal, pois a expressão corporal, a gesticulação, o ritmo e a entonação, na leitura “[...] imprimem sentido às palavras e desvelam para o ouvinte as emoções por trás do texto” (Matos e Sorsy, 2013, p. 7). Além disso, são ações que despertam e mantêm o interesse da criança pelo texto.

No decorrer da leitura, a cada página, o mediador pode estimular a antecipação dos acontecimentos, perguntando às crianças “O que vocês acham que Nanão vai responder agora?” ou “Será que ele vai querer participar?”. Havendo previsões, a leitura pode ser continuada para confirmar ou reformular suas hipóteses.

Também é possível que o mediador no decorrer das páginas, apresente a ilustração, explore os elementos visuais e direcione a atenção das crianças para detalhes da imagem. Pode, ainda, fazer perguntas como: “O que está acontecendo aqui?” ou “Quais opções que Nanão tem agora?”. Com isso, contribui para o desenvolvimento da oralidade e para a compreensão leitora.

Ao chegar ao clímax da leitura – momento em que os amigos de Nanão se afastam dele –, a professora pode dialogar com as crianças: “E agora, o que vocês acham que pode acontecer na história?”. Se não conseguirem responder de imediato, o mediador pode retomar acontecimentos anteriores da narrativa, perguntando, por exemplo: “O que vocês fariam se tivessem um amigo que sempre dissesse ‘não’?”

Na sequência, observa-se uma imagem de Nanão na página da direita, enquanto a esquerda está em branco. Nesse ponto, o mediador pode perguntar: “Como vocês acham que Nanão se sente ao ficar sozinho e ao ver seus amigos se afastando?”. Depois de ouvir as respostas, pode convidar as crianças a interpretar o que está acontecendo com a personagem.

Outra possibilidade é o mediador realizar a leitura da história de uma só vez, sem pausas para as antecipações, e depois relê-la, promovendo uma conversa dialogada com as crianças. Além disso, pode-se propiciar um momento de autonomia, no qual a criança manuseia e explora o livro sozinha ou em dupla, seguido pela leitura mediada da obra.

Ao final da leitura, o mediador pode incentivar o reconto da história. Uma boa forma de mediar esse momento é propor perguntas direcionadas aos elementos da narrativa, permitindo que as crianças recapitem e respondam coletivamente. Essa proposta não tem caráter avaliativo - não há respostas certas e erradas -, mas busca promover a participação de todos na construção da compreensão da história (Solé, 1998).

O mediador, ao fazer perguntas, deve utilizar estímulos para que ajudem as crianças responder com base nos aspectos verbais e visuais da narrativa. Perguntas como: “Quem é a personagem principal?”, “O que o Nanão sempre respondia quando alguém lhe fazia um convite?”, “Quando Nanão mudou sua resposta?”, “Onde acontecem as cenas da história?”, “Como os amigos de Nanão reagiram aos seus repetidos ‘nãos’?” e “Por que Nanão sempre dizia ‘não’?” contribuem para essa análise.

Por meio de perguntas amplas, o professor pode incentivar a interpretação, visto que não há respostas fixas, isso, de certo modo, estimula as crianças a descreverem com suas próprias palavras o texto, ampliando a fluência narrativa. Perguntas como: “O que você acha que a personagem sentiu quando estava no parquinho brincando?”, “Se você fosse o Nanão, o que teria feito diferente?” ou “Como você imaginaria um final diferente para essa história?” favorecem, além do desenvolvimento da linguagem oral, a percepção dos elementos presentes nas ilustrações.

Outra sugestão de atividade após a leitura é o reconto oral, que pode ser feito com o apoio do livro ou por meio da dramatização da narrativa. O mediador, pode propor que as crianças interpretem as personagens e recriem cenas, utilizando ou não diferentes suportes e espaços para a dramatização.

As ideias aqui apresentadas podem orientar o trabalho em sala de aula, mas é fundamental que o mediador também proponha outras atividades. Afinal, estamos tratando de autonomia leitora, e o professor é quem melhor conhece seus alunos e suas preferências. Por isso, é importante que novas estratégias sejam criadas para estabelecer relações significativas entre as crianças e a personagem *Nanão*.

As sugestões aqui apresentadas, referentes às possibilidades de mediação antes, durante e após a leitura da obra, não configuram um protocolo rígido a ser seguido, mas sim orientações ou situações de leitura que podem contribuir para a compreensão leitora. Com base nisso, considerando que o ser humano se constitui por meio da linguagem, e reconhecendo que os gestos embrionários de leitura favorecem a formação da autonomia, a atuação do mediador trona-se indispensável, pois é por meio de suas ações que se contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança, a partir da experiência literária.

Considerações finais

As primeiras experiências da criança com o objeto-livro marcam o início de sua formação como sujeito leitor. Essa formação, entretanto, envolve múltiplos fatores que, como vimos, abrangem as dimensões dos gestos embrionários de leitura. Essas dimensões compreendem não apenas a prática leitora, mas também o espaço, os objetos, as ações do mediador, e os modos como se realiza a leitura.

Ao interagir e explorar o objeto-livro, a criança desenvolve ações que servirão de base para a sua formação como leitora. Mesmo sem decodificar o código escrito, ela participa

ativamente por meio da escuta atenta e da observação das imagens. Essa vivência literária, ainda que se manifeste por gestos embrionários, contribui não apenas para o desenvolvimento da leitura, mas também para a construção da identidade e da singularidade infantil.

A partir da proposta que desenvolvemos para *Nanão*, de Gustavo Piqueira, reforça-se a importância de articular experiências literárias com o público infantil. Por meio da interação social, do pensamento e da linguagem – elementos que favorecem o desenvolvimento de habilidades psíquicas –, a criança amplia sua compreensão não apenas dos textos, mas também do mundo que a cerca.

Nanão não representa apenas uma figura infantil que diz “Não”, mas sim uma criança que, a partir de múltiplas recusas, constrói um novo significado para essa negativa. Esse “não” revela a necessidade de escuta atenta por parte dos adultos e expressa a busca da criança por sua autonomia.

Referências

- BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2007.
- DAVIDOV, Vasili. **La enseñanza escolar e el desarrollo psíquico**. Moscú: Progreso, 1988.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê, 2009.
- GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **A criança, o livro e a literatura: a identidade leitora em constituição na infância**. 290f. Tese (Livre Docência em Leitura e Escrita) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.
- GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; OLIVEIRA, Andreia dos Santos; Hernandez, Elianeth Dias Kanthack. Literatura infantil e humanização na pequena infância: da escuta à formação do pequeno leitor. **Leitura & Literatura em Revista**. V.1, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/llr/article/view/8802>. Acesso em 15 mar. 2025.
- GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. Educação literária de crianças pequenininhas e pequenas?. Mesa redonda do **IV Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil, UNESP**, Presidente Prudente, 2 set. 2015.

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. SOUZA, Renata Junqueira. Para que e por que aproximar livros e crianças pequenininhas? – A educação literária na primeira infância. In: UJIE, Nájela Tavares; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. **Educação, infância e formação: vicissitudes e que fazeres**. Curitiba: CRV, 2014. p. 93-112.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à efetividade. **Alábe**. N. 12, 2015. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7518/6146>. Acesso em 06 abri. 2025.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MODESTO-SILVA, Kenia Adriana de Aquino. **O nascimento do pequeno leitor: mediação, estratégias de leitura na primeiríssima infância**. 279 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181338>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar: um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MUNITA, Felipe. **Eu mediador (a): mediação e formação de leitores**. Tradução: Dolores Prades. Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emilia, 2024.

PALAVRA CANTADA. **Sim Não**. Adaptação de Estevão Marques. [S.l.]: Domínio Público, 2013 (02min:45seg) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wm7Tbs34iEM>. Acesso em: 18 mar. 2025.

PIQUEIRA, Gustavo. **Nanão**. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Gestos embrionários de leitura na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Gaivota, 2024.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor, 1992.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas IV**. Madrid: Visor, 1996

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Nota

ⁱ De acordo com Genette (2009) paratextos são os elementos que constitui a obra, como por exemplo, a primeira capa, as folhas de guarda, folha de rosto, e demais que envolve a materialidade do livro.

Sobre as autoras

Josiele Vita da Silva Tavares

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras e licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Atua como pesquisadora no Núcleo de Estudos em Linguagem, Leitura e Escrita (NELLE). Exerce a função de Supervisora Pedagógica na Educação Infantil, na Escola Municipal Pingo de Gente no município de Itumirim/MG. Suas pesquisas concentram-se nas áreas de leitura, literatura infantil, formação de professores e práticas de leitura. Email: Josiele.vita@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5132-300X>

Renata Junqueira de Souza

Livre-docente em Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa. Professora Sênior no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP. Professora Visitante na Universidade Federal de Alfenas, MG. Tem pós-doutorados na área de Literatura e Ensino, líder do grupo de pesquisa "Formação de Professores e as Práticas Educativas em Leitura, Literatura e Avaliação do Texto Literário" (CNPq). Suas pesquisas abordam leitura, literatura infantil, literatura e formação de professores, estratégias de leitura. E-mail: renta.junqueira@unesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

Recebido em: 08/07/2025

Aceito para publicação em: 11/08/2025